

Docência no Ensino Superior: a alternativa da formação entre pares

Resumo

A docência no ensino superior tem sido objeto de estudos e pesquisas. Partindo do pressuposto de que a formação é uma condição permanente na profissão docente, muitas possibilidades têm sido teorizadas e vivenciadas para tal objetivo. Além das clássicas propostas de cursos e seminários, outras alternativas vêm sendo construídas, na procura de maior efetividade no alcance dos seus objetivos. Entre as modalidades está a formação em serviço, que pressupõe mobilizar os docentes a partir das suas experiências e interesses profissionais. Nesse contexto, vem sendo compreendida a formação entre pares, em que há troca de saberes entre uma comunidade de prática, que potencializa a socialização das experiências entre colegas de trabalho. Pode incluir a docência partilhada ou o uso de estratégias que assegurem as trocas entre os participantes da profissão. Descreve-se no artigo um dispositivo para alcançar saberes na área das tecnologias digitais registrando-se uma possível metodologia e apontando a importância do engajamento institucional.

Palavras-chave Ensino Superior. Formação de Professores. Tecnologias Educacionais.

Maria Isabel da Cunha
Universidade Federal de Pelotas –
UFPel – Pelotas/RS – Brasil
cunhami@uol.com.br

Rozane da Silveira Alves
Universidade Federal de Pelotas –
UFPel – Pelotas/RS – Brasil
rsalves@ufpel.edu.br

Para citar este artigo:

CUNHA, Maria Isabel da; ALVES, Rozane da Silveira. Docência no Ensino Superior: a alternativa da formação entre pares. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 20, n. 43, p. 10-20, maio/ago. 2019.

DOI: 10.5965/1984723820432019010
<http://dx.doi.org/10.5965/1984723820432019010>

Teaching in Higher Education: the alternative of peer education

Abstract

Teaching in higher education is aimed by studies and researches. From assuming that education is a permanent condition in the teaching profession several possibilities are theorized and experimented for this purpose. Besides the classical proposals of courses and seminars, other alternatives are being built aiming more effectiveness in the reach of its purposes. One of the modalities is education in service which presupposes to mobilize professors based on its experiences and professional interests. In this context, the experiment of peer education, which is about exchange of knowledge in between a practice community that potentialize one experience to his coworkers. It may includes share teaching or the use of strategies that assures exchange between the participants of the profession. The essay describes one possible experience to reach knowledge in the field of digital technologies registering one possible methodology and pointing to the importance of institutional engagement.

Keywords: Higher Education. Peer Education. Digital Technologies.

A autoridade docente, historicamente alicerçada no domínio do conhecimento disciplinar específico, precisa ampliar essa legitimidade pela base dos conhecimentos pedagógicos que caracterizam a profissão de professor. Progressivamente, o tradicional imaginário da profissão que se alicerçava nas formas de transmissão do conteúdo vai dando lugar à necessidade de um docente com saberes múltiplos, que possa ser a ponte entre o conhecimento historicamente acumulado e as estruturas cognitivas e culturais de seus alunos. Cabe, ainda, lembrar que as mudanças nas formas de transmissão das informações atingidas pelos aparatos tecnológicos dão urgência ao repensar a função docente. Quando muda a base que disponibiliza a socialização do conhecimento, certamente mudam as formas de sua transmissão. Os conceitos tradicionais de acesso são ressignificados e a base material do ensino, que antes se concretizavam nas bibliotecas, hoje se transfere para a educação digital.

Se os desafios para os docentes e seus alunos são muitos e de diferentes naturezas, o mesmo acontece com as instituições. É preciso sensibilidade e investimento para consolidar processos que assumam a pedagogia universitária como emergente, cada vez mais legitimada como um saber fundamental aos novos paradigmas de conhecimento. Nesse contexto, a pesquisa é um instrumental interessante, pois é ela que, respeitando os valores acadêmicos, nos ajudará a produzir conhecimentos com significado.

Entretanto, é preciso recuperar a condição da *racionalidade prática*, tão bem explicitado por Pérez Gómez, para dizer que o professor tem de ser o

sujeito da análise que faz de seu próprio cotidiano, implicando a imersão consciente do homem no mundo de sua experiência, num mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e cenários políticos. (1992, p. 103)

Mas não se trata apenas de um conhecimento implícito na atividade prática. Trata-se, sim, de um diálogo entre a prática vivida e as construções teóricas formuladas nestas e sobre estas vivências. A ideia de reflexão-ação, tão bem explicitada pelo autor anteriormente mencionado, pode tornar-se num dos melhores instrumentos de

aprendizagem. O discurso construído sobre esse diálogo é que torna possível transformá-lo numa situação profundamente pedagógica. A linguagem, aí, é uma poderosa aliada da formação.

As *comunidades de prática* se constituem com o objetivo de troca de experiências e aprofundamento teórico-prático sobre determinado tema, de modo que a prática de uns pode contribuir com a de outro. Sua abrangência varia, desde pequenos grupos ligados por campos disciplinares ou metodológicos até coletivos mais amplos que são a base da proposição de redes. Essas, em geral, vinculam-se a dispositivos acadêmicos com maior institucionalização, seja através de sociedades científicas, seja pela iniciativa de coletivos auto-organizados. Além das temáticas, as *comunidades de prática* podem se articular em torno de correntes teóricas ou autores representativos das mesmas. Podem, ainda, ter como referente um interesse pedagógico que dê unidade a um grupo de professores.

Entre os docentes da educação superior não é comum a partilha de saberes. A tradicional compreensão de autonomia produziu uma perspectiva de que a sua autoridade se alicerça nos saberes disciplinares e na sua condução da aula. São muito raras as situações de partilha nesse espaço, em que os docentes estivessem expostos aos seus pares com suas potencialidades e fragilidades. Não há costume de assistir aulas uns dos outros, de expor suas dificuldades e limites que poderiam ser minorados com a opinião de um colega.

Os docentes iniciantes raramente encontram uma cultura de apoio dos mais experientes. Dá-se por pressuposto que possuem as condições necessárias à profissão e que podem enfrentar sozinhos os desafios que ela impõe. Não raras vezes, a eles são propostas as atividades mais penosas, aquelas que os veteranos não mais querem para si. Essas condições revelam uma fragilidade da profissão docente em que a iniciação não ocupa aqueles que poderiam e deveriam por ela zelar.

Entretanto, a pesquisa com os docentes iniciantes evidencia que ali há um embrião do que a literatura denomina de *comunidades de prática*. Como há pouca atenção dos experientes, os iniciantes discutem entre si seus desafios e procuram trocar saberes frente à realidade que os interpela. Esse exercício evidencia um embrião possível de um processo de aprendizagem entre pares. Nessa perspectiva, há um pressuposto teórico

que induz crer que a troca de saberes entre professores pode potencializar uma formação significativa, explorando tanto a possibilidade de aprender como de ensinar. Em princípio, essa é uma condição dos seres humanos e, no contexto de uma profissão, mais ainda se constitui numa aposta profícua.

Com esse pressuposto, procuramos ampliar essa possibilidade descrevendo um caminho de formação para o uso de tecnologias digitais de comum utilização pela maioria dos docentes na atualidade.

Quando a tecnologia pode ser potencializada para a formação

Muito se tem escrito, discutido e publicado sobre o uso de tecnologias no ensino em qualquer nível de escolaridade desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até os cursos de graduação.

O avanço no desenvolvimento de tecnologias que podem ser usadas no ensino permite uma série de atividades e utilizações que há dez anos era inimaginável. Uma imagem quase perfeita desenhada com giz naquelas antigas lousas verdes, com mil detalhes sobre uma planta daninha invasora, era apresentada por uma professora. Detalhes iam sendo acrescentados até que a professora satisfeita se afastava do quadro e considerava a imagem pronta para ser contemplada por seus alunos, em uma disciplina do curso de Agronomia. Esse trabalho dedicado e delicado hoje pode ser substituído por alguns toques de teclado ao se incluírem imagens em *slides* do *Power Point* que, após serem apresentados em aula, podem ser encaminhados aos alunos para que estudem e os analisem com cuidado.

Por essas facilidades, os *slides* do *Power Point* se tornaram populares, corriqueiros. Dificilmente uma palestra ou uma aula, atualmente, não é ilustrada por apresentações sobre os conteúdos discutidos. Textos, imagens, áudios e vídeos são utilizados, favorecendo a atenção do público e a compreensão da mensagem.

Esse recurso tecnológico apresenta ferramentas de uso intuitivo e que facilmente os professores aprendem a utilizar e passam a ser usados em quase todos os momentos didáticos, tanto em oficinas como em aulas em que os conteúdos são apresentados pela primeira vez aos alunos.

Mas será essa uma inovação no ensino? O professor vai apresentando os *slides*, um a um, enquanto explica o conteúdo para que os alunos sentados em suas carteiras absorvam as informações que estão sendo oferecidas. Cysneiros (1999) referia-se ao uso da tecnologia repetindo velhas práticas como “inovação conservadora”.

Trazemos essa discussão para o ensino superior, que é foco de muitas pesquisas, centro de conhecimentos e informações. Os professores estão realmente inovando em suas práticas de ensino? Se não o fazem, porque ainda não o fizeram, uma vez que estão em um ambiente no qual se concentram estudos de todas as áreas, e há sempre uma nova pesquisa divulgando seus resultados? Há sempre um professor e/ou aluno participando de eventos externos à universidade, muitas vezes até no exterior. Será que nada de novo acontece que se possa considerar como referência para uma nova forma de fazer uma aula?

Em pesquisa realizada por Alves (2014) sobre o uso das tecnologias pelos professores da UFPel, foi possível observar que os docentes afirmam ter conhecimento avançado no uso de muitas tecnologias recentes, porém, poucos as utilizam em sala de aula, embora em suas vidas pessoais participem de redes sociais com desenvoltura e utilizem outros recursos tecnológicos disponíveis. Neste mesmo estudo, observou-se o uso generalizado pelos professores dos *slides* em aulas, alguns até com muita criatividade na composição e apresentação do material. Entretanto, embora alguns professores utilizassem *softwares* específicos das suas áreas de trabalho, renovando ou buscando renovar a forma de auxiliar os alunos no seu aprendizado, estas eram, ainda, iniciativas pontuais.

Babin e Kouloumdjian (1989) afirmavam que entre as pessoas de um grupo com acesso a determinadas tecnologias, sempre algumas reconhecem a sua importância e divulgam entre seus pares os benefícios e melhoramentos trazidos com elas, convencendo outros a também as utilizarem. Essas pessoas eram chamadas pelos autores de "idealistas" ou “homens de vanguarda”.

Porém, não basta o entusiasmo, e nem mesmo um curso de formação para auxiliar o professor a usar as tecnologias no ensino de sala de aula. É necessário um pouco mais do que isso. Em pesquisa anterior (Alves, 2014), que teve como interlocutores docentes da Educação Básica, foi possível perceber que eles se sentiam mais propensos a

utilizarem tecnologias no ensino quando observavam seus pares e conheciam experiências didáticas realizadas por eles, com sucesso. Em geral, essas experiências iniciavam como ideias simples, de algum professor curioso e implicado com sua prática, que registrava sua façanha em vídeo ou áudio e a publicavam na internet. Ou, então, quando apresentavam um relato de experiência em um congresso ou o publicavam em um periódico. Valiam, também, trocas de experiências no próprio ambiente de trabalho, quando este permitia o diálogo entre os docentes ou estimulava a divulgação de boas práticas.

Certamente, a formação para o uso das tecnologias é importante, ou seja, para alguém elaborar um vídeo com um conteúdo específico precisa ser orientado no uso das ferramentas de um *software* editor de vídeo. É como criar um projeto, como acrescentar um fundo musical a imagens ou como colocar uma legenda no vídeo. Porém, para que esse vídeo seja utilizado no ensino, ele exige uma abordagem pedagógica que auxilie os alunos a compreendê-lo e a entender sua mensagem.

Até mesmo os *slides* do *Power Point* devem ter uma missão mais relevante do que simplesmente elencar e apresentar imagens de um determinado conteúdo. Alguns docentes têm feito importantes experimentos nessa direção. Nossas pesquisas (Alves, 2014) na universidade exploraram o fazer de um professor de Medicina, que criou um ambiente mágico com o *Power Point*. Na sala, com as luzes apagadas, destacavam-se no telão imagens de um coração e suas inúmeras veias e artérias, e logo seguia-se o áudio do eletrocardiograma de um suposto paciente que chegou ao pronto-atendimento apresentando sintomas de um infarto. Os sons que se ouviam na sala, eram descompassados, e até mesmo um neófito perceberia que aquele áudio apresentava alguma coisa errada. Os alunos, então, iniciavam espontaneamente uma grande discussão sobre sintomas e procedimentos a serem realizados que durou até o final daquela aula e continuou pelos corredores.

Foi possível identificar nessa experiência de uso de *slides* do *Power Point*, uma aula motivadora, que estimulou os alunos a trazerem seus conhecimentos para discussão com os colegas, demonstrando que é possível criar situações criativas de aprendizagem que motivem os estudantes a um importante protagonismo.

A Rede de Colaboração entre os professores

Considerando os resultados de pesquisas sobre formação de professores entre pares, iniciou-se o processo de registrar em vídeo de curta duração as experiências de alguns docentes universitários. Foi gravada uma sequência de doze vídeos com aqueles que utilizam tecnologias, narrando como estão usando esses recursos no ensino, em pesquisas e em extensão. Esses vídeos podem ser visualizados em <https://wp.ufpel.edu.br/redecolabora/documentarios/>.

A partir do registro das experiências dos professores em vídeo, e acompanhando suas narrativas, foi possível compreender como desenvolveram suas experiências e como estas poderiam contribuir para o campo da pedagogia universitária e da formação de professores. Como os professores estão buscando essa formação? Que resultados almejam alcançar com suas práticas de ensino? Quem poderia ensiná-los a inserir as tecnologias em suas aulas de forma a obter resultados ainda melhores?

É certo que o perfil dos estudantes universitários vem se alterando de forma acelerada, dada a familiaridade progressiva com as tecnologias digitais. Também o acesso de estudantes às universidades públicas, no Brasil, por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU) vem impactando os perfis das turmas dos diversos cursos. Em alguns deles, principalmente, temos a presença de estudantes de diferentes estados brasileiros que, de forma heterogênea enriquecem a aula, com culturas e histórias de vida que se mesclam, impactando o perfil anterior.

Também é preciso considerar que erroneamente, muitas vezes, consideramos que os nativos digitais, termo usado por Prenski (2001) para designar os jovens nascidos após a criação da internet, são todos experientes no uso das tecnologias. Com a progressiva democratização do acesso aos bancos universitários, muitos jovens que estão ingressando na universidade, tiveram pouco ou nenhum acesso ao uso de computadores, e muitas vezes nem e-mail utilizam. As escolas públicas, embora nos últimos anos tenham recebido alguns recursos tecnológicos, ainda estão longe de alcançar um patamar positivo para utilizar esses equipamentos.

Falta formação aos professores da educação básica para as TICs, falta manutenção adequada dos computadores, e não é incomum registrar-se o precário ou até inexistente

acesso à internet na escola. E, quando existe, vem com baixa velocidade, o que dificulta o acesso de professores e estudantes. Registra-se, também, a falta de pessoal técnico para administrar os laboratórios, o que contribui para a precariedade da inclusão tecnológica. Considerando ainda que muitos alunos de baixa renda não têm acesso a esses equipamentos em suas casas, podemos considerar que nem todos agem como nativos digitais ao ingressar na universidade.

Dessa forma, muitas vezes o professor universitário que se dispõe a usar tecnologias em sala de aula, defronta-se com turmas com diversos níveis de conhecimento das tecnologias, o que pode tornar complexo o processo de ensino com esses recursos.

Buscando uma alternativa para ensinar os professores a se familiarizarem com as tecnologias e a aprenderem a usá-las pedagogicamente, propôs-se uma Rede de Colaboração para a formação docente. Uma rede de troca de experiências, na qual quem sabe usar uma lousa digital ensina seus colegas professores a explorarem os recursos disponíveis para tornar uma aula motivadora, diferenciada. Ou seja, não se trata de apenas ensinar a ligar, desligar, utilizar as ferramentas básicas do equipamento, mas, sim, de trazer sua experiência pessoal, mostrar o que já deu certo, apontar o que ainda não experimentou para que os colegas tenham a oportunidade de ter novas vivências, já evitando, de antemão, situações equivocadas.

Essa experiência é uma iniciativa de professores, que pode e deve ser apoiada pela gestão universitária, mas que não necessita ser totalmente dependente dela. Ou seja, um professor deseja uma formação específica em determinado tópico e conta com o apoio de um colega que vai dividir suas experiências. Talvez ele não tenha conhecimentos para retribuir a esse colega que lhe auxiliou, mas com certeza poderá dividir suas experiências tecnológicas com outros colegas que necessitem exatamente dos mesmos conhecimentos.

Esse desenho formativo favorece uma proposta institucional com muito poucos recursos e também se adéqua para as que são multi-campi, em que as Unidades Acadêmicas encontram-se dispersas geograficamente, favorecendo o conhecimento de iniciativas de colegas de outras áreas, quando estão realizando atividades similares.

A instituição universitária tem um papel catalisador das experiências e mobilizador dos docentes e estudantes para utilizá-las. A criação de um depósito virtual que abrigue as diferentes experiências certamente terá um efeito de ampliação dos saberes e da motivação para a inovação na aula universitária. Evitaria, o que Sousa Santos (2000), denomina do "desperdício da experiência", num processo de formação entre pares que pode ter um sentido de profissionalidade importante.

Os desafios estão postos. Tudo indica que é preciso renovar as tradicionais estratégias de formação baseadas na oralidade e centradas no professor ministrante. Para envolver os docentes nos processos de formação, é importante valorizar os seus saberes, estimular o seu protagonismo nos processos formativos e potencializar a experiência que pode concorrer para a melhoria da prática pedagógica que vivenciam.

Lançando mão de uma provocação de Tardif (2002), é importante perguntar como aprendem os professores e, nessa perspectiva, investir. E levá-los a refletir sobre a influência da sua forma de aprendizagem nos seus dispositivos de ensinar. Esse pode ser um interessante desafio!

Referências

ALVES, Rozane da Silveira; MATTOS, Daniela Pedra; MARTINS, Claudete da Silva Lima; SANTOS, Lourdes Helena Rodrigues dos. A utilização das TIC no ensino das escolas públicas: refletindo sobre os fatores que influenciam o seu uso. In: CONGRESSO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, 2, 2012 **Atas** [...]. Lisboa, 2012. p. 2600-2628.

ALVES, Rozane da Silveira. **Práticas dos professores universitários na UFPEL: utilização das TIC no Ensino**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPEL, Pelotas, 2014.

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. **Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador**. São Paulo: Paulinas. 1989.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. Novas Tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora? In: IX Encontro nacional de Didática e Prática de Ensino, 1998, Águas de Lindóia. Anais do IX ENDIPE. São Paulo: USP, 1998. v. 1. p. 199-216.

PÉREZ GÓMEZ, Angel. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 93-114.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente**. Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Universidade para o Século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez. 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Recebido em: 09/09/2018

Aprovado em: 27/11/2018

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 20 - Número 43 - Ano 2019

revistalinhas@gmail.com